

Guia para pais

# Meus dois pais

Walcyr Carrasco



**ea**  
editora ática



ilustrações Laurent Carlon

Naldo encara a separação dos pais de maneira muito natural. Mas fica revoltado ao descobrir, por meio de colegas da escola, que o pai é gay. O garoto pede para ir morar com a avó, mas acaba entendendo que mais importante que a orientação sexual do pai é ter uma família que o ama.

Este guia em forma de perguntas e respostas foi elaborado pelo psiquiatra Alexandre Saadeh, doutor pela Universidade de São Paulo, professor do Curso de Psicologia da PUC-SP e supervisor dos médicos residentes em Psiquiatria no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP. Saadeh é especialista em sexualidade humana, e uma de suas áreas de pesquisa é identidade sexual. Ele responde perguntas que vão ajudar os pais a lidar com assuntos delicados como separação e homoafetividade de uma maneira mais tranquila e livre de preconceitos.

## Qual a melhor maneira de contar para uma criança que os pais dela vão se separar?

De preferência, o pai e a mãe devem conversar juntos com a criança, num clima afetivo e de tranquilidade, sem disputas. O importante é não demonstrar insegurança nem mágoas e evitar acusações mútuas. Os pais devem fazer um esforço para explicar de maneira clara o porquê da separação, mostrando que foi uma decisão conjunta — em vez de responsabilizar um dos lados pelo ocorrido.

Também é fundamental responder todas as perguntas que a criança fizer com palavras que sejam do entendimento dela, levando em consideração a sua idade.

Mais do que tudo, os pais devem deixar claro que a criança continuará tendo pai e mãe, apesar de viver

apenas com um deles a partir daquele momento. Quando os pais se separam, a criança precisa saber que ambos continuarão cuidando dela, se preocupando e, principalmente, amando-a como antes.



## Como decidir com quem os filhos vão morar em caso de separação?

Com crianças pequenas, o ideal é um consenso entre as partes. Se isso não ocorre, a decisão costuma ser judicial, levando sempre em consideração o bem-estar do menor.

Por razões culturais e de desenvolvimento ligadas aos cuidados e à manutenção afetiva da criança, a mãe costuma ser a opção mais comum. Se os pais concordarem, a criança pode ficar com o pai, o que pode ser vivenciado de forma saudável e sem problemas.

O ideal é que ela tenha condições de desenvolvimento garantidas, não importando com quem vá morar.

Também começa a ser uma opção no Brasil a guarda compartilhada, um acordo de corresponsabilidade pelos cuidados com o filho em que a criança pode conviver e morar com ambos. E, a partir dos 12 anos, o filho pode decidir com quem vai morar.

O mais importante é que os pais e a criança entendam que, qualquer que seja a escolha, ela foi tomada em determinado momento e em razão de alguns pontos importantes para o filho — e nada impede que ela seja revista se essas condições mudarem.

A única coisa que os pais não devem fazer é transferir para o filho a responsabilidade por essa escolha, mesmo que ele tenha idade legal para decidir.

## Devo falar com meu filho sobre homoafetividade antes de ele deparar com este assunto em sua vida?

Sim, mas sempre respeitando a idade e a capacidade de compreensão da criança.

Geralmente, quando tem curiosidade sobre um tema e abertura dos pais para obter a resposta, a criança expõe sua dúvida de maneira clara. Os pequenos costumam revelar o seu momento de falar sobre um determinado assunto por meio de comentários, brincadeiras, piadas, elaborações mentais. Os pais podem ficar atentos a esses sinais — e aproveitar as “deixas” que o filho dá — para decidir a hora de tratar de assuntos mais delicados.

A percepção de troca de afeto entre pessoas do mesmo sexo pode ser rica na formação da criança: conhecendo as diferenças, ela aprende a respeitá-las. Também é positivo para que ela vá entendendo que nem todo mundo precisa se comportar, gostar das mesmas coisas ou viver da mesma forma que seus pais ou familiares.

A noção de interesse sexual e convivência amorosa entre dois adultos do mesmo sexo formando um casal deve ser explicitada sempre que aparecer no contexto da criança, mas respeitando as particularidades de cada situação e evitando o uso de piadas.

A melhor maneira de vencer a discriminação é lidar com os assuntos de forma natural, sem alarde.

## Qual a melhor maneira de explicar para uma criança o que é homoafetividade?

Depende da idade e de sua capacidade de compreensão. Deve-se começar pelo óbvio, contando que a homoafetividade é a troca afetiva entre pessoas do mesmo sexo, como se fosse um namoro.

A questão da sexualidade e da formação de um casal deve aparecer nas conversas à medida que a criança puder absorver, entender e conviver com esse fato. Isso acontece quando a criança lida com um determinado assunto de forma tranquila, direta, sem ficar encabulada quando ela ou os pais falam dele.

O importante é que os pais apresentem sempre a homoafetividade como algo natural, que acontece na vida de algumas pessoas, não como uma aberração ou deformidade.



### Devo chamar a atenção do meu filho quando ele fizer algum comentário que eu julgar preconceituoso?

Sempre! Mesmo que seja sem intenção, que a criança não entenda por que está sendo preconceituosa.

Sem ser politicamente correto em excesso, é possível respeitar as diferenças. Os pais devem mostrar à criança que piadinhas e comentários jocosos só devem ser feitos com pessoas muito íntimas, que não se sintam ofendidas com isso.

Seja qual for a situação, é importante que as crianças aprendam que não é positivo zombar das características de outras pessoas, correndo o risco de deixá-las chateadas ou tristes.

Não há por que privilegiar a exclusão, mas sim garantir a inclusão levando em conta a particularidade. A maneira ideal de explicar isso é sempre partir de uma vivência da própria criança, mostrando que, mesmo tendo uma característica ou comportamento que a diferencia das demais, ela é amada e respeitada.

### E se o meu filho for chamado de gay na escola, como devo proceder?

Primeiro, é preciso entender por que ele está sendo chamado de gay e, seja qual for o motivo, mostrar que ele não deve ser condenado por isso.

Depois, deve-se conversar com a coordenação pedagógica e com a psicóloga da escola para buscar formas de combater o *bullying* (agressão física e psicológica entre estudantes).

Crianças tendem a acentuar características específicas dos outros e usar isso como forma de se reafirmar e ganhar destaque no mundo que as cerca. Elas percebem que isso gera discriminação e exclusão, por isso investem no *bullying*.

É função educativa dos pais e da escola contribuir para que isso não aconteça.

### Meu filho é muito delicado e sensível. Isso significa que ele é gay? Devo levá-lo ao psicólogo?

Se isso for uma preocupação ou um problema para os pais ou para o filho, sem dúvida. Até porque a criança começa a perceber que seu jeito causa constrangimento ou sofrimento para os pais (isso sem contar a incompreensão do porquê ela é reprimida por apresentar um jeito X ou Y, o que faz ela pensar que existe algo de “errado” com ela).

Nessas situações, é importante buscar ajuda especializada para orientação e aconselhamento — tanto para os pais quanto para a própria criança.

É muito difícil para qualquer profissional dizer se uma criança será gay ou não, porque ela é um ser em formação, e determinado comportamento pode desaparecer com o tempo ou com as mudanças da vida.

O que o profissional pode fazer é ajudar os pais a diferenciar o que é um comportamento isolado e o que é uma forma de viver mais permanente e propor estratégias para lidar com a situação.



## Se sou gay, como abordar essa questão com meu filho?

Em primeiro lugar, é melhor para a criança ficar sabendo disso por você do que por terceiros.

Mas é preciso tomar todo o cuidado quando for tratar desse assunto, respeitando a capacidade do seu filho de entender a situação no tempo certo e na medida correta.

Por isso, é essencial que você não tenha questões mal resolvidas em relação à sua homoafetividade quando for falar com seu filho.

Se você, por exemplo, sente-se moralmente condenável, sofre por ter essa orientação sexual, esconde de todo mundo sua real orientação sexual ou inventa namoradas(os) para disfarçar, ainda não é o momento de falar com a criança. Afinal, como esperar que seu filho respeite esse fato se você mesmo ainda tem vergonha de ser reconhecido como gay?

Se esse for o seu caso, procure esclarecer suas questões individualmente (buscando ajuda profissional se achar necessário) antes de contar ao seu filho o que está acontecendo.

## Devo me preocupar se meu filho tem um amigo cujo pai ou mãe (ou ambos) é gay?

Não, a não ser que não saiba abordar o assunto com seu filho e tenha restrições e preconceito em relação ao tema. Aí, o ideal é buscar ajuda profissional para entender como abordar a questão.

Proibir seu filho de ter contato com essa família não é a solução. Não se esqueça de que a homoafetividade não é uma doença que pode ser transmitida, e que essa orientação sexual não faz de ninguém uma aberração ou um tarado.

